

# Entrevista

**Néstor García Canclini**

**Entrevista concedida a Carme Ferré-Pavia<sup>1</sup>, Gisella Meneguelli<sup>2</sup> e Esmerarda Monteiro<sup>3</sup>**

**Tradução: Gisella Meneguelli**

Néstor García Canclini (1939, La Plata, Argentina) é doutor em filosofia, escritor, antropólogo e crítico cultural. É investigador da *Universidad Autónoma Metropolitana de México* e foi docente na *Universidad de la Plata* e na *Universidad de Buenos Aires*, assim como em Nápoles, Austin, Stanford, Barcelona e São Paulo. Sua trajetória se destaca pelo desenvolvimento de diversas teorias referentes aos temas do consumismo, da globalização e da interculturalidade na América Latina, pelas quais recebeu vários prêmios, como o Prêmio Nacional de Ciências e Artes, no México, em 2014. Canclini esteve na Espanha para apresentar seu mais novo livro, *El Mundo Entero como Lugar Extraño* (Gedisa, 2015), nas cidades de Barcelona e Madri. A entrevista foi realizada em 18 de maio, no Centro de

---

<sup>1</sup> Diretora do grupo de pesquisa sobre Comunicação e Responsabilidade Social da Universidade Autônoma de Barcelona.

<sup>2</sup> Pesquisadora de doutorado da Universidade Federal Fluminense, convidada do grupo de pesquisa sobre Comunicação e Responsabilidade Social da Universidade Autônoma de Barcelona.

<sup>3</sup> Pesquisadora da Universidade do País Vasco, convidada do grupo de pesquisa sobre Comunicação e Responsabilidade Social da Universidade Autônoma de Barcelona. Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, v.4, n.8, jul-dezembro 2015

Cultura Contemporânea de Barcelona, e centrou-se no livro e, também, em questões de cultura política.

Em seu mais novo livro, Canclini faz uma reflexão sobre cultura e sociedade, centrando seu interesse no papel da leitura e dos textos na era digital. Ele analisa as migrações em outras formas de “estranheria”, como as que experimentamos ante as inovações da comunicação em redes digitais, as mudanças na esfera pública provocadas pela videopolítica e a espionagem da vida privada.

A entrevista buscou captar sua nova visão do que significa ser cidadão contemporaneamente e os desafios de gestão dos países da América Latina.

**P: Senhor García Canclini, há algum lugar no mundo que não seja um lugar estranho?**

NÉSTOR CANCLINI - Depende para quem. Em geral, creio que alguém tende a considerar familiares os lugares que habita, onde se arraiga. Primeiramente, há o lugar onde nascemos, onde nos criamos e nos educamos, o lar, a escola, o bairro. A experiência de estranhamento vai sendo construída. Assim como se constrói a personalidade mediante a educação familiar e escolar, vamos experimentando outras estranhezas quando nos mudamos de lugar, descobrimos outras maneiras de viver, outras culturas, outras formas de comunicação. Ou, também, quando mudamos pessoalmente e a sociedade nos muda com o ritmo ou no sentido que nós mesmos o fazemos. Então, a própria ideia de sociedade na qual nos formamos pode tornar-se estranha. Também acontece que, se nos distanciamos por um tempo em outro lugar, por mudança ou exílio, e regressamos depois de alguns anos, vamos notar algumas mudanças e, talvez, não são as que nós

experimentamos. Produz-se uma desconexão, um incômodo entre nosso modo de vida e o da gente com quem vivemos há muitos anos.

**P: O livro parece um livro-fragmento, cuja escritura nasce das experiências de leitura contemporâneas. O projeto de escritura do seu livro, ao questionar os limites dos gêneros de discurso, também propõe uma outra experiência de leitura. Como ler um livro híbrido que traz algumas incertezas?**

NÉSTOR CANCLINI - Com incertezas. Efetivamente, o modo de construir a escrita tenta soar a incerteza que hoje experimentamos no mundo. Um romance linear, que vai do começo ao fim de uma maneira ordenada, existiu muitas vezes como intento de refletir um mundo que se percebia ordenado. Quando fazemos essa experiência de descontinuidade, de fragmentação do mundo que habitamos, muitos escritores buscam uma maneira de argumentar e de relatar um texto que corresponda a essa descontinuidade do mundo, a essa desconstrução de hábitos e rotinas para pensar em termos de inovação, de experiência incerta. Não vejo nada de desfavorável na incerteza. Parece-me que há mais riscos na rotina, na repetição, em fazer o mesmo. A incerteza tem a vantagem de nos abrir a outros modos de conceber o real e as relações entre as pessoas. Claro que é difícil viver permanentemente na incerteza. Necessitamos nos agarrar a um assento, a um país, a relações afetivas que nos pareçam mais ou menos duradouras, que nos deem confiança. Necessitamos tanto da incerteza como da confiança, mas é ilusório viver apenas na confiança.

**P: A ideia de procomum é uma reação à democracia canalha?**

NÉSTOR CANCLINI - Não exatamente. Creio que são caminhos que se tocam, mas que têm lógicas relativamente independentes. Minha ideia é que a democracia canalha é resultado da decomposição dos sistemas políticos. Em Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, v.4, n.8, jul-dezembro 2015

quase todos os países que conheço tem havido uma deterioração das forças políticas tradicionais: tanto os partidos políticos como os sindicatos e, inclusive, alguns movimentos sociais. Isso quer dizer que as diversas formas de expressão da representação social estão perdendo seu sentido ao relacionarem-se com forças ilegais, mafiosas; ao serem dirigidos os partidos para se conseguir posições ou especular com a corrupção. Tudo isso desprestigiou o sistema político e, em certo modo, o que hoje chamamos de *procomum* é o resultado de movimentos alternativos, sobretudo, de jovens que estão descontentes com os modos de apropriação dos bens, que deveriam ser compartilhados mas são apropriados por minorias, políticas ou sindicais. Então sim, nesse ponto, a ideia de *procomum* toca com a decomposição da democracia que eu chamo de canalha. O *procomum* aparece como a busca de uma apropriação compartilhada e posta à disposição de todos pelo acervo de bens e mensagens, que, graças aos dispositivos eletrônicos e à internet, podemos acessar mais facilmente.

**P: Nesse sentido, a organização de atores em rede está construindo uma política de dissenso?**

NÉSTOR CANCLINI - Sim, pois a própria estrutura das redes é, em parte, desierarquizante, porque horizontaliza as relações e interações sociais de forma total. Por outro lado, ela é arborescente, rizomática, formas dispersas de articular o sentido social. Viver em rede é distinto de viver em um edifício com andares acima e abaixo.

**P: Qual é o significado da expressão “a novidade contemporânea é não poder ser estrangeiro”?**

NÉSTOR CANCLINI - Ela se refere ao fato de que somos permanentemente vigiados por sistemas de videovigilância. Ser estrangeiro requer intimidade,

poder ficar recluso em um lugar onde somos distintos e não estamos expostos ao olhar constante dos outros. Todo o tempo estamos sendo registrados, mesmo quando estamos em nosso quarto com o computador ou o *tablet* alguém acessa o que escrevemos ou percebemos, mesmo se o computador estiver desligado. No documentário sobre Snowden, ele desconecta o telefone porque a jornalista lhe diz que podem ser escutados com o telefone desligado. A experiência de ser estrangeiro é a do anonimato, quando podem ser realizadas certas atividades sem ser registrado.

**P: Nesse cenário de vigilância-controle, estamos no ápice do poder de mercado ante o indivíduo ou este pode escolher o que consumir entre uma multiplicidade de opções?**

NÉSTOR CANCLINI - As duas coisas são certas e estão em tensão. Mais informação com tanta abundância nos dá a possibilidade de comparar e de escolher distintos produtos, mensagens e meios de informação. Diante de um mesmo acontecimento que tem interpretações diferentes, como podem ser as eleições espanholas do dia 24 de maio, ou uma disputa religiosa em um país árabe, podemos consumir meios de países diferentes e vamos receber olhares divergentes. Isso é um enriquecimento, mas, ao mesmo tempo, o oferecimento desses produtos está registrando nossos gostos, ordenando-os em algoritmos, para oferecer-nos novos produtos e saber qual é o arco de nossas preferências, quem somos como consumidores, que perfil podem atacar. Esse ataque é uma forma de limitar nossa espontaneidade e liberdade e, sobretudo, uma forma de condicionar-nos para seguir em uma certa direção.

Então, estamos em tensão entre uma expansão da capacidade de escolher e uma restrição estabelecida pelo mercado, que, em realidade, quer reduzir nossas preferências a perfis os mais selecionados possíveis, porque tampouco

o mercado pode atender todas as necessidades ou desejos individuais, de modo que tende a agrupar as pessoas em conjuntos de milhões de pessoas. Se nós queremos pertencer a conjuntos tão numerosos, necessitamos entrar em disputa com essas estratégias de agrupamento forçado.

**P: Comparando com o seu livro de 1995, Consumidores e cidadãos, conflitos e globalização, como o senhor vê o conceito de cidadão hoje em relação com as redes?**

NÉSTOR CANCLINI - Mudou-se muitíssimo o conceito de cidadão desde então. Não havia redes sociais nem muitos dispositivos de comunicação e formas de interação que hoje são cotidianas. É uma mudança de ordem tecnológica, mas há outras mudanças, a que nos referíamos antes, como o desprestígio dos partidos políticos. Naquele momento, final do século XX, alguns partidos políticos em cada país aparecia como alternativa ao poder hegemônico. A ideia de revolução já estava desprestigiada nos anos noventa, mas se esperava que algumas mudanças fossem possíveis através de vias institucionais partidárias e sindicais. O que se passou nos últimos anos é que cresceu a desfiliação partidária e sindical, flexibilizou-se o mercado de trabalho, individualizaram-se perversamente as dependências trabalhistas e todos estamos muito mais expostos a formas de controle e precariedade, que desestimulam uma participação constante e a expectativa de mudar, em modo durável, a sociedade.

Exercer, hoje, a cidadania é situar-se em outra paisagem. Não penso com isso que o parlamento ou as formas tradicionais da democracia tenham perdido o seu sentido. Parece-me que é preciso tratar de recuperar o valor das instituições clássicas, mas, evidentemente, elas são insuficientes para canalizar as necessidades de mudança e melhorar o bem-estar das maiorias. Houve uma atomização das formas de participação, e o que encontramos

etnograficamente em muitos países é que uma grande parte dos cidadãos desvinculou-se de partidos, sobretudo, muitos movimentos juvenis: “Não somos apolíticos. Somos apartidários”, dizem. Pensam que há outras formas de modificar a realidade, que pode ser participar em organizações de bairro, em movimentos de jovens, feministas, étnicos, ecológicos, que são vistos como um modo de contribuir para uma transformação multifacetada do social.

Minha impressão é que essas táticas de transformação parcial são muito insuficientes em uma época de grande concentração dos poderes transnacionais. As empresas tendem a agrupar-se, a multiplicar seu poder combinando-o com o de outras, atuar em vários campos do social, econômico, político e financeiro e somam poder adicionando setores. É difícil que o sistema de táticas dispersas possa confrontar-se com esses poderes tão concentrados. Estamos em uma situação de transição, mas se pode apontar como uma necessidade construir outros tipos de estratégia que tenham a dimensão comparável com esses poderes transnacionais.

**P: A virada de alguns governos latino-americanos à esquerda (Correa, Mujica, Bachelet, ...) mudou a relação da cidadania com o poder ou estamos diante das mesmas estruturas mas com um discurso “açucarado”?**

NÉSTOR CANCLINI - Não gosto da palavra “açucarar”, porque me parece que, em alguns desses países, houve transformações importantes. Por exemplo, no Brasil e na Argentina, 25% da população ascendeu de uma classe mais baixa à classe média, uma relativa redistribuição da riqueza e um acesso a bens que antes não havia. Mas, também, é certo que correlativamente ao aumento de bens, carros, motos, diminuiu o ritmo de deslocamento nas cidades. Em São Paulo, somente se pode circular 7 km por

hora de carro (há alguns anos eram 21 km): isso significa que não houve estruturas que beneficiassem a população que recebeu esse novo caudal de mobilidade e, por isso, o sistema entrou em colapso. Faltou uma transformação mais estrutural e o que vimos é um aumento de acesso a bens sem modificação estrutural das condições de uso desses bens. Isso gera contradições no desenvolvimento geral do país e tira a confiança sobre a durabilidade das transformações.

Nos países do cone Sul está havendo um movimento regressivo, depois dos avanços desses movimentos com mais sentido social. Crescem as forças da direita ou, se a mesma força ganha, esta se centra (Uruguai, Brasil, Chile). É necessário valorizar as mudanças reais e o benefícios que houve para um amplo setor da população, mas também é preciso ser consciente da instabilidade e da falta de mudanças mais estruturais, que garantem uma modificação profunda.

### **P: Quais são os novos desafios da América Latina?**

NÉSTOR CANCLINI - Há outro aspecto, ainda, que destacaria e que se relaciona com a novidade da situação internacional, que é o crescimento de poderes ilegais e máfias em muitos países: México, toda a América Central são regiões onde as máfias ocupam grande parte do território e mostram que o Estado está falido e não tem capacidade de governar e, por isso, conseguiram disputar com ele a gestão, inclusive, de serviços sociais e públicos. Essas máfias não administram apenas o narcotráfico, mas, também, estenderam-se a outros delitos: extorsão, sequestro, tráfico de órgãos, de armas, de pessoas. A soma de 22 delitos, segundo os especialistas, dá às máfias um poder extraordinário e é uma das grandes transformações que está ocorrendo. É visível no México, no Brasil, na Argentina e se adverte na Europa. Precisamos reorientar as políticas públicas para tirar das máfias

proteção financeira e política, e não somente reprimi-las, o que resulta ser ineficaz.

**P: Essa relação da máfia com o Estado pode explicar o signo político dos protestos no Brasil, que se inclinaram mais à direita em 2015 em relação a 2013?**

NÉSTOR CANCLINI - O fenômeno Petrobrás e os casos de corrupção geraram um mal-estar justificado e são usados por setores golpistas que querem tirar Dilma Rousseff do governo. Mas há, também, uma mudança de interesses econômicos para limitar os benefícios sociais, que implicam distribuição de bens privados pela limitação dos juros por parte do governo. É uma luta entre distintos setores da burguesia. A burguesia não deixou de governar nem na Argentina, nem no Brasil, mas há setores diferentes do empresariado que querem ganhar mais e deslocar os que agora têm hegemonia.

*Link para a entrevista original:*

[http://www.portalcomunicacion.com/monograficos\\_det.asp?id=324](http://www.portalcomunicacion.com/monograficos_det.asp?id=324)

Recebida em 15/06/2015  
Aprovada em 15/06/2015